



*De “minas frescal” a “gorgonzola”: os processos de envelhecimento entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal-MS*

Guilherme R. Passamani (CCHS/UFMS - grpassamani@gmail.com)<sup>1</sup>

5

*Resumo:*

Esse artigo é parte de uma pesquisa maior que problematiza condutas homossexuais, envelhecimento e memória na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul. O foco do artigo analisa como são lembrados os diferentes momentos da vida, a partir de situações que se apresentam como marcantes. É interessante ainda compreender o que os interlocutores estão entendendo como velhice e quem são para eles os velhos. Por outro lado, mostro como a passagem do tempo vai alterando ou criando uma rotina muito particular, em que há a reestruturação dos lugares, inclusive da sexualidade, do lazer e das situações que envolvem doenças, moléstias e infortúnios de toda ordem.

*Palavras-chave: envelhecimento, curso da vida, condutas homossexuais*

*Abstract:*

*This article is part of a broader research that discusses homosexual conduct, aging and memory in Pantanal region of Mato Grosso do Sul. The focus is to analyze how different moments of life are remembered based on situations presented by the interlocutors as outstanding. Besides, it is interesting to comprehend what the interlocutors understand as aging and who are “the old” for them. On the other hand, I show how the passage of time changes and creates a very particular routine that reorganizes the places of sexuality, of leisure and of situations involving illnesses, diseases and misfortunes of all kinds.*

*Keywords: aging, life of course, homosexual conduct*

*Introdução*

Esse artigo é parte de uma pesquisa maior, que resultou em minha tese de Doutorado em Ciências Sociais na Unicamp. A pesquisa que deu origem à tese buscou compreender as particularidades do processo de envelhecimento em regiões não caracterizadas como grandes centros urbanos, no caso da minha investigação, as cidades de Corumbá e Ladário, na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Na altura, pensei o curso da vida, especialmente o envelhecimento e a velhice, em intersecção com condutas homossexuais<sup>2</sup> e memória. Meu

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP) e docente do Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

<sup>2</sup> Utilizo a expressão “condutas homossexuais” para me referir aos sujeitos com os quais eu estou trabalhando. Este é apenas um recurso para tentar aproximar uma série de categorias muito dispersas entre si e tratá-las em



trabalho de campo foi realizado entre julho de 2012 e fevereiro de 2014 e contou com a participação efetiva de 17 interlocutores entre 52 e 82 anos. Eram homens e mulheres com condutas homossexuais, bem como pessoas que se auto-identificavam como travestis. Eram moradores das duas cidades e pertenciam a diferentes camadas sociais, bem como tinham graus de escolarização distintos.

A região do Pantanal é considerada a maior planície alagada do mundo e se encontra no coração da América do Sul. Está presente nos países do Brasil e da Bolívia. Em solo brasileiro, o Pantanal está alocado nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. É composto por uma diversidade em termos de fauna e flora (Corrêa e Corrêa, 2013). Esse artigo, no entanto, ainda que não ignorando essa riqueza em termos de recursos naturais, vai abordar uma espécie de “Pantanal urbano”, pois falará sobre a sociabilidade e as idiossincrasias do processo de envelhecimento de um grupo de pessoas que vive nas cidades de Corumbá (108 mil habitantes) e Ladário (21 mil habitantes).

É preciso que sejam feitas algumas ressalvas. Em termos de entretenimento específico ao público LGBT, a região não oferece um circuito comercial nos moldes dos que são observados nas capitais ou grandes centros urbanos, isto é, não há bares, clubes, saunas, danceterias, ou similares. Sendo assim, o entretenimento desses sujeitos na região ocorre de forma pulverizada entre as pessoas com condutas heterossexuais e o flerte tem lugar nos meandros da heteronorma.

Outra questão que deve ser pontuada é a seguinte. A pesquisa, na contramão de parte da literatura sobre o tema no Brasil, aposta nas informações das pessoas que não migraram para os grandes centros urbanos para se realizar em termos de sexualidade. Isto é, meus interlocutores ficaram nas cidades de origem e, em grande medida, são visíveis e conhecidos ali como pessoas com condutas homossexuais e/ou travestis. Isso claro, não se faz sem custos e sem negociações. Mas o que eles estão informando é que é possível viver no interior e ser

---

seus próprios termos. Utilizo esse recurso, pois estou lidando com informações acionadas por meio da memória e que falam, algumas vezes, de tempos que não são o presente e o que me é contado carrega uma fluidez grande entre o que atualmente compreendemos como orientação sexual e identidade de gênero. Ao falar em condutas homossexuais, estou fazendo uma referência às pesquisas de John Gagnon (2006). Para ele, as condutas sexuais seriam atos que exigiriam desenvolvimento da criatividade, amparadas por aspectos culturais mais amplos, fantasias individuais e códigos que permitiriam algum grau de interação social. Segundo Gagnon, a partir de sua crítica à “natureza” social dos comportamentos humanos, ele conseguiu explicar a importância e relevância da discussão sobre condutas sexuais. A explicação de Gagnon seguia o seguinte raciocínio: se todo o comportamento humano é social, não há possibilidade de existir um *comportamento sexual biologicamente nu*, mas sim uma *conduta sexual socialmente vestida*.



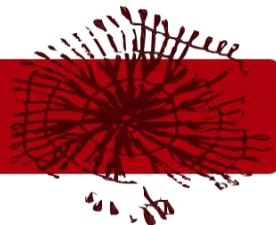
uma pessoa com conduta homossexual e, mais que isso, que a migração não é um destino manifesto para as *bichas* das pequenas cidades.

Por outro lado, é preciso destacar que esse artigo não tem a pretensão de ser um tratado sobre a homossexualidade no interior do Brasil. Primeiro porque o Brasil é bastante diverso; e segundo, porque a noção de interior depende de uma série de fatores, inclusive de indicadores que dialogam com uma noção de escala de cidades. Portanto, falo desde um interior muito específico, até mesmo por tratar-se de um interior de fronteira, de trânsito, de fluxos, de migrações, de desterritorializações.

Por exemplo, em Ladário, cidade distante apenas seis quilômetros de Corumbá, está presente um distrito naval da Marinha do Brasil e a relação com os marinheiros muda completamente o imaginário da região, também em termos de trocas afetivas, eróticas e sexuais, com as pessoas com condutas homossexuais. Corumbá e Ladário são destinos turísticos, pois são consideradas o coração do Pantanal. Além disso, Corumbá é último destino brasileiro na rota dos mochileiros que vão visitar os Andes a partir de um turismo mais barato. Poderíamos falar que, até mesmo, a economia local é movimentada por sujeitos que estão de passagem pelo lugar, seja na área da agropecuária, da mineração e das forças armadas. Em vista disso, o interior representado por Corumbá e Ladário revela certa idiosincrasia em termos de trânsito e fluxo que, talvez, não seja percebida em outros lugares, igualmente, caracterizados como interior.

Feitas essas ponderações, esse artigo, como eu disse antes, é extrato da pesquisa maior, que tentei apresentar, panoramicamente, acima. Para esse artigo busco analisar como são rememorados os diferentes momentos da vida, a partir de situações que se apresentam como marcantes. É interessante ainda compreender o que os interlocutores estão entendendo como velhice e quem são para eles os velhos. Por outro lado, tento mostrar como a passagem do tempo vai alterando ou criando uma rotina muito particular, em que há a reestruturação dos lugares, inclusive da sexualidade, do lazer e das situações que envolvem doenças, moléstias e infortúnios de toda ordem.

### *1 - Uma vida em vários tempos: sobre energias e cansaços*



Os diferentes momentos da vida são comumente evocados pelos interlocutores. Eles indicam “tempos” já percorridos. Entre os três interlocutores mais velhos Roberto (82 anos)<sup>3</sup>, Teo (76 anos)<sup>4</sup> e Barbosa (77 anos)<sup>5</sup> aparecem poucas expectativas de futuro e muitas preocupações imediatas, com destaque para o cuidado com a saúde. Junto a estes interlocutores também pude perceber certa apatia diante da realidade cotidiana e uma resignação em vista de um suposto final iminente. Tal situação encontra eco nas observações de Andrea Moraes Alves (2006). Segundo ela, o que tradicionalmente assustava na velhice era, de certo, a ideia de perda da independência, que estaria relacionada a doenças, moléstias e limitações. Em alguma medida, esse contexto limitado acabaria por alocar a velhice em um momento da vida que representaria a volta do sujeito ao “isolamento doméstico”.

Essa agonia com a existência que se demora parece também ser o caso de Roberto (82 anos). O interlocutor se diz *cansado* e, algumas vezes, *triste*, pois percebe que não tem mais condições de fazer tudo o que desejaria. Roberto conta que o corpo não responde mais aos seus desejos. Além disso, reclama, constantemente, da falta de memória, pois alguns acontecimentos, simplesmente, somem de sua lembrança.

Ele apresenta alguns dos sinais, apontados por Anita Liberalesso Neri e Meire Cachioni (1999), que vão na contramão de uma “velhice bem-sucedida”. Para elas, a velhice bem-sucedida englobaria a plena realização física, social e psicológica. Isto é, o sujeito que envelhece deveria parecer e funcionar como a média da população mais jovem. Estes critérios o garantiriam de posse de suas competências básicas, no sentido proposto por Featherstone (1998). Roberto, então, percebe-se exatamente no polo oposto, pois seu corpo está doente e ele não encontra um compasso entre corpo e mente. Ele não teria o que as autoras chamam de uma “velhice produtiva” e corroboraria a noção das perdas físicas associadas ao envelhecimento.

---

<sup>3</sup> Roberto tem 82 anos, é morador de Ladário, é branco, alto, magro, com os cabelos completamente brancos. Caminha com dificuldades, escuta pouco e tem uma série de problemas de saúde. Roberto é aposentado do comércio e pertence às camadas médias.

<sup>4</sup> Teo tem 76 anos, é pardo, de estatura mediana, um pouco gordo. Pertence às camadas médias, é funcionário público aposentado e fez fama na cidade como *boleiro* (confeiteiro). Caminhava com dificuldades e entre as complicações da saúde, está um diabetes.

<sup>5</sup> Barbosa é negro, tem 77 anos, vive na periferia de Corumbá. Pertence às camadas populares. É ligado ao carnaval. É magro, de estatura mediana. É costureiro aposentado e apresenta um quadro clínico composto por várias enfermidades.



Nas palavras de Lins de Barros (2011), ainda prevalece a relação entre os “sinais da velhice” e os “indícios de proximidade com a morte”, ou seja, uma combinação “velhice-morte”. Esta, inclusive, é a percepção de Teo (76 anos). Segundo ele, sua vida já está no final.

*No final. No final da vida, né? [...] To me preparando. Eu aceito. Se eu morrer, eu vou morrer feliz. Porque eu fui feliz, sinceramente. Agora com essa doença, o que que vamos fazer? [...] Viver é tudo parcelas iguais. Eu to no final da vida. No final. Ah, 76 anos, o que que se espera mais? Só a morte. Isso não é razão de tristeza. É a natureza. A gente nasce, vive e morre. Pensa que você vai ficar mais do que eu na terra? (Teo, 76 anos).*

O final da vida não é razão, pelo menos no discurso do interlocutor, de uma *tristeza*, pois ele encara a morte como o desdobramento derradeiro da existência, Nas palavras de Teo, *não adiantaria lutar contra*, pois a morte se imporia de forma irremediável sobre a vida. *E seria a vitoriosa*, diz. O recurso das lembranças permite a Teo aceitar a morte, pois já teria sido *muito feliz*. A felicidade pertenceria a outro tempo que não o presente. Para Teo, a morte não assusta. O que assustaria o interlocutor seria a “dependência, a perda de dignidade, a solidão e o sofrimento” (Neri, 2007). Estas são situações que viriam antes da morte.

A interlocutora Simone (67 anos)<sup>6</sup>, na tentativa de se distanciar da velhice, destacava dois desejos complementares: ter mais saúde e voltar ao trabalho. Ela assim contava:

*Eu queria ficar legal, bom. Eu queria trabalhar outra vez. Queria abrir o meu salão. Isso é o que eu queria, sabe? Era a única coisa que eu queria. Abrir meu salão, trabalhar. Viver a vida. Eu ainda tenho 67 anos, dá pra eu viver mais um pouco. Pra isso que eu queria ter saúde (Simone, 67 anos).*

Simone se compreendia como a *bicha poderosa e glamorosa* do passado. No final da vida, na pobreza e com a saúde frágil, via, na possibilidade de voltar ao trabalho, as condições necessárias a serem reunidas para tentar conquistar outra vez o *status* de tempos passados. No entanto, os efeitos colaterais do uso de hormônios, o que lhe acarretou a perda das extremidades dos pés, bem como problemas cardíacos, além das sequelas das 12 facadas que

---

<sup>6</sup> Simone tinha 67 anos, se considerava um *homem gay*, mas preferia ser chamada pelo nome social dos tempos em que *se montava*. Simone faleceu no começo de 2014. Ela era negra, de cabelos compridos e grisalhos, magra e caminhava com muita dificuldade, em vista de ter perdido todos os dedos dos dois pés. Segundo alguns contatos, esta ocorrência resultou da utilização indevida de hormônios, em sua juventude, para provocar algumas transformações no seu corpo, especialmente para *ter peito e bunda*. Simone era pobre, vivia em uma casa de um cômodo na periferia de Ladário.



sofrera em um atentado, faziam com que a própria interlocutora acreditasse que as chances dessa realização ser possível eram  *muito raras*.

É interessante pensar, na esteira de Vicent Caradec (2011), como há uma pressão social para “envelhecer jovem” e “lutar contra o envelhecimento”. Simone mostrava isso de maneira mais clara, pois nela havia a condição particular das doenças e das limitações físicas. Estas serviriam como mostra irrepreensível de que o tempo de envelhecer era chegado, de que a própria vitalidade do corpo fora comprometida, o que se manifestava por meio da diminuição da energia, que comprovaria o passar de um momento a outro, potencializado pelas enfermidades que teriam alavancado o processo.

Há, porém, uma particularidade em certo pessimismo dos interlocutores mais velhos, para além destas questões que os associam a uma percepção bastante comum em outros contextos de envelhecimento e velhice, inclusive, entre pessoas com condutas heterossexuais. Entre meus interlocutores mais velhos, além das doenças, que causariam muito mal-estar, há um verdadeiro pânico e incômodo com a possibilidade de perda da independência. Tornar-se dependente da família, de parentes em geral, ou mesmo a possibilidade de ir para uma instituição de longa permanência aparecem como uma espécie de “morte social”.

Eu notei estas preocupações a partir das conversas que tive com Teo (76 anos), depois que seus parentes voltaram a residir com ele. No caso de Teo e dos mais velhos, o envelhecimento e a velhice, quando momentos vividos desde o lugar da dependência, poderiam revelar uma volta indesejada ao “armário”, além do fim efetivo da vida sexual. A coabitação com os parentes, que seriam seus cuidadores, ou a permanência em um asilo inviabilizariam o “estilo de vida” próprio de outros tempos.

Portanto, se, por um lado, o contexto de debilidade da saúde e doenças parece ser comum entre hetero e homossexuais e permite analisar meus interlocutores à luz de outras investigações; por outro lado, parece próprio das pessoas com conduta homossexual uma preocupação demasiada com as questões que envolvem a dependência, pois ela estaria diretamente relacionada com a possibilidade ou não de prolongamento da visibilidade da orientação sexual e de vivência da homossexualidade. Tal situação, então, é peculiar entre pessoas com condutas homossexuais, uma vez que a heterossexualidade não precisa voltar para qualquer “armário”.

Os interlocutores mais jovens, que pertencem às outras redes, apresentam uma enormidade de formas para se referir aos diferentes momentos da vida. Alguns deles, por



exemplo, afirmam estar vivendo *o melhor da vida* depois dos 40 anos. Este tempo, o pós-40, é visto pelos interlocutores como um tempo em que fora preciso *acalmar-se, ficar um pouco mais tranquilo, encontrar-se, ou colocar o pé no freio*. Em todos eles, entretanto, há uma associação deste momento com aspectos positivos e que permitem traçar planos futuros. Todos eles, também, sentem-se independentes. Esta pode ser uma percepção fundamental justamente porque a noção de dependência para os mais velhos é a que estaria em estreita relação com envelhecimento e velhice.

Esse momento que separaria o adulto do velho é chamado por alguns interlocutores como “terceira idade”. O conceito de terceira idade, segundo Neri (2007), foi formulado por Pierre Vellas nos anos de 1960 e é utilizado para “designar a fase inicial da velhice”. Ou, como prefere Debert (2000), uma “etapa entre a vida adulta e a velhice”. A noção de terceira idade cumpre o papel de nomear aqueles “jovens velhos” (Peixoto, 2000).

Santiago (61 anos)<sup>7</sup> localiza nos 40 anos uma transformação que teria dado início a uma vida menos *inconsequente* no que diz respeito a consumos *exagerados* em festas, roupas, viagens e amantes. Esse tempo dera lugar, segundo ele, a um momento de maior dedicação ao trabalho, possibilitando assim uma rotina mais *centrada*, sem, contudo, desfazer-se do lazer ou dos amantes. Houve uma *redefinição de rota*, como ele conta, mas não um desfazer-se de hábitos. Apenas uma *necessária* diminuição de *ritmo*.

Estar mais *centrado* e diminuir o *ritmo* são algumas estratégias para o interlocutor dizer que está envelhecendo. Santiago é um dos meus interlocutores que apresenta bastante mal-estar com a possibilidade de envelhecer, portanto a mudança de ritmo em direção a uma vida mais calma, mais tranquila, sem a *ferveção de sempre*, pode perfazer as primeiras pistas de que esteja começando a envelhecer. No entanto, essa rotina mais focada no trabalho, no lazer diurno e com amigos, bem como menos *pegação com boys*, ele prefere chamar de *centrada*.

Nas pesquisas de Carlos Eduardo Henning (2014) e Gustavo Saggese (2015), para além da categoria terceira idade, é relevante o conceito de “meia idade” para se referir a homens com práticas homossexuais que ainda não se consideram nem na velhice, nem na terceira idade. Do ponto de vista das idades, a *middle age* é uma categoria que aparece no trabalho de Judith Bradford e Caitlin Ryan (1991), autoras estadunidenses que pesquisam mulheres com condutas homossexuais e que têm entre quarenta e sessenta anos. Os quarenta anos e seu em

---

<sup>7</sup> Santiago tem 61 anos, é pardo, baixo e pertence às camadas médias. Ele é jornalista, envolvido com várias atividades sociais e ligado ao carnaval. Diz ter um filho, um neto e uma ex-esposa.



torno funcionam como um marco para pensar a “meia idade”, sendo a terceira idade um período imediatamente posterior a esse<sup>8</sup>.

Se por um lado, as experiências atuais relatadas pelos mais velhos são repletas de pessimismo, tristeza e medo, o que faria esse momento ser entendido como o pior; por outro lado, os mais jovens, os “jovens velhos”, percebem sua condição atual como a de desfrutar do melhor momento da vida. Enquanto os mais velhos têm um cotidiano e um horizonte em que as enfermidades são companheiras inseparáveis, os mais jovens esbanjam saúde e independência.

Saúde e independência representam possibilidades de permanecer ativos no universo das trocas afetivas, eróticas e sexuais. Não ter saúde e apresentar algum tipo de dependência pode ser um elemento a mais a complexificar e tornar mais pessimista a experiência dos mais velhos. Doenças e dependência precisam ser levadas em consideração, pois elas viabilizariam ou inviabilizariam algumas experiências dos sujeitos, inclusive, no mundo dos afetos e dos prazeres.

O momento atual da vida de Santiago (61anos), por exemplo, é caracterizado por ele como a *fase do encontro, uma maturidade*. A maturidade aqui poderia ser comparada, ressalvados os diferentes contextos de pesquisa, com o que Henning (2014) e Saggese (2015) chamaram de “meia idade” em suas investigações, embora este conceito não tenha surgido no meu campo. No artigo pioneiro de Julio Simões (2004), em que ele discutia curso da vida e “homossexualidade masculina”, tal problemática já estava presente. Em meu campo, este tempo envolve um momento de *encontro, maturidade, calma, tranquilidade e ajuizamento*.

Esses elementos, geralmente, são evocados por aqueles sujeitos que estão ao redor dos sessenta anos e gozam de saúde física e psicológica. Para eles, tais termos têm uma relação quase direta com o mundo dos afetos e querem nomear um tempo em que a badalação, nas *farras*, nos *fervos* e na experimentação mais frequente, daria lugar a um trânsito menos ostensivo pela noite, bem como à busca por parcerias menos eventuais, ou mesmo a um tempo de inexistência de parceiros, sem que isso fosse uma causa de frustração. Trata-se de um tempo em que os vínculos com amigos ocupariam um lugar de protagonismo diante da *caça* a amantes eventuais. No entanto, para Santiago, esse momento não deve ser

---

<sup>8</sup> Segundo Henning (2014), para Ski Hunter (2005), um gerontólogo dos Estados Unidos, a meia idade naquele país fora estabelecida no período compreendido entre os 40 e os 64 anos, pois a velhice estaria estabelecida a partir dos 65 anos. No entanto, conforme o pesquisador, esses limites não seriam determinados pela idade cronológica, mas por uma série de fatores, inclusive, sociais.





caracterizado como velhice ou terceira idade. Ele rejeita, de maneira peremptória, qualquer destas possibilidades:

*Nunca. Nem pensar. Vou fazer de tudo. Vou continuar a usar as minhas camisetinhas Bumerang; as minhas calcinhas da TNG; as minhas bermudinhas de joelho. Roupas de velhos, só os ternos. Não tenho roupa de velho na minha casa não. Você está louco. Bonezinho. Até meus 45 anos, eu me preocupava com a careca, agora já não me preocupo mais. E cabelo branco, em mim começou de baixo pra cima. Então, o que eu faço com o cabelo? A cada 25, 30 dias, passo a maquininha na careca. Aí disfarça. Vou vivendo. Óculos de grau tenho ali, mas só uso para ler. O resto não precisa. Então eu não quero dar uma de velho, mas nunca, nem com a morte (Santiago, 61 anos).*

Santiago é um dos interlocutores que mostra, com mais clareza, uma aversão à velhice e aos seus estereótipos. Ele se utiliza de aspectos da indumentária para se afastar de traços de velhice, bem como de algumas estratégias para disfarçar os cabelos brancos. Por outro lado, investe em afazeres que lhe garantam não parecer para si e não ser identificado pelos outros como um *velho*.

Um caso emblemático, que dialoga com o exposto, apareceu na pesquisa de Carlos Eduardo Henning (2014) com homens mais velhos na cidade São Paulo. Henning observou a existência de dois tipos que representavam polos opostos numa espécie de gradiente do processo de envelhecimento entre homens com condutas homo e bissexuais. O lado, digamos assim, negativo, era representado pela figura do “velho caquético”, que incorporaria os elementos depreciativos da velhice. No outro polo, teríamos o que o autor retratou como, a partir de uma expressão êmica, o “viado Susana Vieira”.

Essa é uma alusão a uma atriz brasileira com mais de 70 anos e que usa todos os artifícios para retardar os efeitos do envelhecimento. O “viado Susana Vieira” seria aquele sujeito que busca, de maneira desmedida, permanecer na juventude, quase como um adolescente. Veste-se como adolescente, comporta-se como adolescente, relaciona-se com adolescentes, enfim, constrói um estilo de vida que estabelece a juventude como um valor a ser perseguido e necessário para a sua satisfação e realização como pessoa (Debert, 2010). Ressalvadas as devidas proporções, talvez Santiago seja, entre os meus interlocutores, um dos quais mais se aproxima do “viado Susana Vieira”.



No que diz respeito à passagem do tempo e ao processo de envelhecimento, quando pedi para Deco (54 anos)<sup>9</sup> me dizer como ele percebia esse movimento, o interlocutor me disse que estaria entrando na *fase gorgonzola*:

*Não tem o queijo gorgonzola? Ele vai ficando velho, ele tem que envelhecer? Fica até meio fedido, mas quem come, só quem come, são as pessoas que têm bom gosto, que sabem apreciar um gorgonzola. A Maitê Proença que falou. Porque todo mundo fica falando: 'ai, eu to envelhecendo'. Aí ela falou assim: ela se sentia um queijo minas frescal, quando mais jovem. Só que hoje em dia ela se sente um gorgonzola: 'podre', 'mofado' e velho. Coisa velha é comparada com o quê? Assim, com mofo, com podre, estragado, né? Só que assim, é uma coisa cara e que não é pra qualquer bico, além de ser delicioso (Deco, 54 anos).*

Por meio da analogia, Deco faz referência a uma fala da atriz brasileira Maitê Proença (57 anos). Para Deco, é importante se sentir jovem e ele se sente assim. Todavia, a percepção das demais pessoas pode ser balizada a partir de suas características exteriores, parte de um corpo que está envelhecendo. Desse modo, segundo ele, aplica-se a teoria da atriz, pois o aspecto *envelhecido* e “feio”, tal como o queijo gorgonzola, esconderia um *produto muito saboroso*, de qualidade destacável e que, como diz o interlocutor, *não é para qualquer bico*. Em outras palavras, Deco está dizendo que o processo de envelhecimento parece ser inevitável, mas que existiriam estratégias e valores que seriam adquiridos nesse percurso a fim de tornar o “queijo envelhecido” potencialmente valorizado e desejável.

Segundo Andrea Moraes Alves (2006), a terceira idade pode ser compreendida como um estilo de vida. Por outro lado, ela é uma categoria acionada para pensar o processo de envelhecimento daquelas pessoas que estariam na “fase inicial” da velhice, por volta dos 60 ou 65 anos e que ainda conservariam autonomia e independência. Para Guita Debert (2000):

A expressão “terceira idade” [...] no contexto brasileiro contemporâneo [...] ainda não adquiriu uma conotação depreciativa. [...] A “terceira idade” é percebida como um instrumento na luta contra os estereótipos negativos que termos como “velho” ou “idoso” carregam. [...] A “terceira idade” é uma expressão indicadora de processos de ordem mais geral que tendem a dar novas configurações às relações entre gerações (Debert, 2000, p.301).

É possível perceber que, quando os interlocutores acionam a categoria terceira idade, fazem-no para justificar que há um processo de envelhecimento, mas que nesse processo

---

<sup>9</sup> Deco tem 54 anos, é branco, grisalho, estatura mediana. Considera-se em forma e não muito ligado nas questões da moda. Mora com sua mãe e uma irmã. Pertence às camadas médias e é funcionário público municipal na área de bioquímica.



ainda ocorrem ganhos e estes ganhos seriam legitimados pela compreensão dessa etapa ser vista como *o melhor momento da vida*, um tempo de *ajuizamento*, como lembra Tom (53 anos)<sup>10</sup>, já que uma ideia meio que generalizada de *calma* e *tranquilidade* parece estar associada com as vivências dos interlocutores.

Assim, desde um olhar sobre o curso da vida, é possível compreender que houve uma “dissociação entre juventude e um grupo etário específico, e sua transformação em um valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, por meio da adoção de atitudes corretas e formas de consumo adequadas” (Debert, 2000, p.302). Portanto, a juventude não mais é vista como uma fase em que se está, chega-se, ou da qual se sai, passando a ser compreendida como um valor a ser perseguido e adquirido pelo maior tempo possível ao longo do curso da vida.

Não me pareceu uma surpresa a negação de se perceber na velhice como quase um consenso entre os interlocutores. Apenas Barbosa (77 anos) e Roberto (82 anos) dizem estar nesse momento da vida. Teo (76 anos), embora fale na morte com uma recorrência grande e não acredite em projetos futuros, não vê sua situação atual como própria da velhice. Suas queixas são mais relacionadas à doença do que ao processo de envelhecimento.

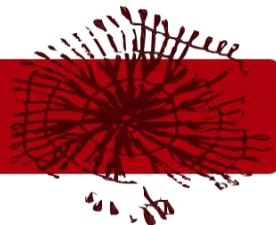
Interlocutores como Tatá (54 anos)<sup>11</sup> dizem que *a capa envelhece*, mas que o *conteúdo segue jovem*. Ou, como refere Alda Britto da Motta (2002), “atrás da aparência da idade, está a mesma pessoa de sempre”. No entanto, isso não se trataria propriamente de envelhecimento, mas de *cuidado*. Essa é a justificativa que ele utiliza para não *virar a noite bebendo*, coisa que fazia em tempos anteriores.

*Programinhas mais tranquilos*, que ensejariam *uma coisa mais sossegada*, podem ser uma alternativa entre os diferentes amigos *gorgonzolas* de se valorizar diante de contextos em que tais sujeitos seriam preteridos, como o cenários das boates, em que o jovem, o corpo jovem e as performances jovens ocupam lugar de destaque, bem como poderia ser uma forma de se diferenciar dos *queijos minas frescal*, ainda muito desejados, mas cada vez mais difíceis de serem acessados.

---

<sup>10</sup> Tom tem 53 anos, é branco, de estatura baixa, magro, com cabelos tingidos. É funcionário público e tem ensino superior. Tom é contador e atualmente faz uma especialização na área. Reside com uma irmã em um bairro da periferia da cidade, distante alguns quilômetros do centro. Todas as vezes em que estive com Tom, precisei disputar sua atenção com seu celular, conectado às redes sociais.

<sup>11</sup> Tatá tem 54 anos, é pardo, de estatura mediana, gordo. Usa os cabelos raspados para disfarçar sua calvície. Tatá trabalha em uma empresa de construção civil, em que ocupa um cargo de supervisor e é também *quituteiro*. Ele pertence às camadas médias baixas. Vive só, em uma casa alugada, de uma vila popular próxima ao centro da cidade.



Mauro<sup>12</sup> (67 anos) diz que o aumento da idade não viria sozinho. Seus sinais estariam *no corpo*, já *indisposto para algumas atividades* que demandariam *mais esforço*; estariam nas escolhas por *programas mais calmos*. No entanto, diz que ter uma idade mais avançada é interessante porque se tem *história para contar* e o fato de *ser idoso* traz o benefício das *filas especiais e as possibilidades de desconto aqui e ali*<sup>13</sup>. Ele arremata: *alguma coisa boa tem que ter em ficar velho*.

*Velho é quem tá se preocupando sempre com doença, remédio, novela, planta, casa. Gente que não circula mais. Gente que não sai. Gente que já deu o que tinha que dar. Eu não. Eu ainda estou na ativa. Ando um pouco mais devagar, mas estou na ativa. É diferente. Tenho idade de ser idoso, de ser velho. Sei lá que nome. Mas a coisa é maior que idade. E daí eu não me sinto assim. E se eu não me sinto velho, vocês todos podem berrar no meu ouvido que eu sou velho, que eu não serei. Mas não vou ser ridículo. Detesto essas bichas velhas querendo ser bicha nova. Eu aceito a minha idade. Aceito minhas limitações, mas tento viver da melhor forma (Mauro, 67 anos).*

As imagens negativas associadas ao envelhecimento e à velhice aparecem com nitidez na fala de Mauro, ao lado da tentativa de um afastamento dessas perspectivas, buscando se constituir como o outro diante daqueles velhos típicos (Rocha-Coutinho, 2006). O interlocutor aponta alguns elementos igualmente interessantes. Um deles é o esforço de se pensar para além da idade cronológica, sendo esta apenas um dos marcadores responsáveis, segundo ele, para determinar o que é ou não velho. Ademais, ele constrói o envelhecimento e a velhice como categorias de auto-identificação, deslocando este lugar para a responsabilidade do sujeito e dissolvendo a experiência da velhice como algo homogêneo.

Nas últimas décadas, tem sido problematizada a categoria velho para se referir a pessoas com 60 anos ou mais, justamente porque a experiência do envelhecimento e da velhice seriam processos dinâmicos, complexos e diversos entre si. Nesse sentido, Guita Debert (2004) adverte:

---

<sup>12</sup> Mauro é branco, tem 67 anos, alto e pertence às camadas médias. É proprietário de uma loja no centro da cidade e vive em uma casa própria também no centro de Corumbá. O interlocutor nasceu em Ladário, mas, quando jovem, a família se mudou para Corumbá, onde Mauro, na sua juventude, experimentou os ares da contracultura e conheceu, com os *hippies* que vinham do sudeste, as condutas homossexuais, as drogas, a bebida e todos os *excessos* de sua geração.

<sup>13</sup> Sobre os termos utilizados para se referir ao processo de envelhecimento, tais como “terceira idade”, “melhor idade”, “idoso”, entre outros, e que seriam alternativos à palavra “velho”, ver Neri (2007). A autora entende que, de alguma forma, alguns destes termos serviriam para mascarar e rejeitar a velhice porque esta ainda permaneceria associada a um período de declínio.



[...] a tendência é propor novos recortes em estágios de envelhecimento, com base na idade e no nível de independência funcional dos idosos. [...] Nesse sentido, novos recortes são propostos: jovens idosos (65-75 anos); idosos-idosos (acima de 75 anos), como quer Uhlemberg (1975); ou ainda, idosos mais idosos (com mais de 85 anos), como sugere Johnson (1987), dariam ao envelhecimento recortes diferenciados mais significativos (Debert, 2004, p.93).

Santiago (61 anos), quando lhe pergunto quais seriam as características próprias dos velhos, ele assim conta:

*Ficar em casa o dia inteiro assistindo televisão. Em casa eu não fico não. Talvez, você só me ache em casa segunda-feira à noite. Mesmo assim, se eu não tiver o que fazer, vou para o barzinho ou para o restaurante. Se você me perguntar o que passou na novela das oito, eu não sei nem o nome da novela das oito. Eu gosto é de viver, cara. Os velhos querem fazer o que mais na rua? A hora que os caras me chamarem de avô – agora ainda estão me chamando de tio –, agora me olham e falam: ‘oi, tio’. Quando falaram: ‘oi, vô’, aí tem coisa. Aí eu tenho que pensar em alguma coisa (Santiago, 61 anos).*

Não circular, ficar em casa, assistir televisão o dia todo seriam características, para Santiago, próprias dos velhos<sup>14</sup>. Ele mostra que circula pela cidade, inclusive às segundas-feiras, que desconhece a programação da televisão e se refere aos trânsitos pela rua como o viver, em contraposição ao isolamento nos limites da casa que seria a “não-vida” própria dos velhos. É interessante a comparação proposta pelo interlocutor para a diferenciação das categorias *tio* e *avô*. A utilização destas categorias se refere ao mundo da *paquera* e às conquistas de potenciais parceiros<sup>15</sup>.

Santiago investe nas relações eróticas e sexuais intergeracionais. Ele se relaciona com homens mais jovens e diz se sentir *tranquilo* enquanto é reconhecido por esses homens, nesse universo, como *tio*, pois isso ainda lhe permitiria um potencial de barganha neste mercado. O *tio* ainda teria um capital erótico a ser negociado. Contudo, quando for identificado como um *avô*, como velho, a situação se tornaria preocupante, pois o capital que ainda restava ao *tio*, já teria se desvanecido. Nesse momento, segundo ele, seria necessário uma atenção, pois a *maré* haveria mudado. Possivelmente, na altura de ser reconhecido como *avô*, ele já teria

<sup>14</sup> Guillermo Maurício Acosta-Orjuela (1999) aponta a importância da televisão para a sociabilidade das pessoas mais velhas, pois a partir do momento em que elas deixam de circular, é na companhia da televisão que muitas permanecem. A televisão se torna a principal fonte de informação na velhice e sobre a velhice, portanto ela adquire uma dimensão bem maior do que a de um eletrodoméstico como outro qualquer.

<sup>15</sup> Sobre a utilização da categoria “tio” em outros trabalhos que problematizam envelhecimento e condutas homossexuais, ver, por exemplo, Henning (2014) e Paiva (2011).



incorporado o envelhecimento e a velhice como próprios de si – ou se frustraria com a nova nomeação.

Santiago conta que, *mesmo não querendo ser velho*, sabe que, *se não morrer antes*, vai *chegar neste tempo* e tem se preparado para isso: *pagando aposentadoria e fazendo alguns seguros*. Seu objetivo é viver *com as condições mínimas* até o fim e viver este período em um *asilo* não lhe causa qualquer tipo de desconforto ou constrangimento<sup>16</sup>.

Notei, ao longo do trabalho de campo, que a palavra “velho” e as expressões “ficando velho” ou “envelhecendo” causam desconfortos variados nos interlocutores. E, mais que isso, notei a necessidade de afastamento das condições implicadas nos usos dessas palavras e expressões. Quando perguntei a Deco (54 anos), por exemplo, como se reconhecia uma pessoa velha, ele, sem pestanejar, disse-me que era por meio do *jeito*. Ao começar a exemplificar o que seria o *jeito de velho*, ele atribui a esse sujeito categorias como *coitadinho, caquético, cansado e de cabecinha branca*, quer dizer, uma série de noções depreciativas (e fragilizantes) que, ao que tudo indica, seriam capazes de marcar a diferença entre aqueles que ele reconhece como velhos e ele mesmo.

Falas e concepções como essas, que compreendem a velhice como um momento dramático, podem assim se expressar porque, entre tantas perdas, representam também a perda de uma vida sexual ativa e gratificante que foi um dos pilares dos tempos de protagonismos de muitos de meus interlocutores. Quer dizer, talvez a velhice e a possibilidade de voltar a viver com a família de origem, ou mesmo passar a residir em um asilo, sejam a efetivação da superação indesejada desses momentos, bem como indesejada seria uma derradeira volta ao “armário” como que marcando o fim de um “carreira” como pessoa com conduta homossexual, inadvertidamente substituída pela de velho ou velha doente e dependente.

## 2 – *Novas rotinas: lazer, doença, envelhecer*

O mais velho dos meus interlocutores, Roberto (82 anos), é aquele que parece mais inserido no que se convencionou, tradicionalmente, chamar de velhice. Ele está debilitado por uma série de doenças. Locomove-se com dificuldade e com o auxílio de uma bengala. Os problemas de coluna comprometeram os seus movimentos e exigem a visita diária ao

---

<sup>16</sup> Sobre instituições de longa permanência para pessoas mais velhas, ver Debert (2004); Camarano (2007); Peixoto (2011); Da Hora (2014), entre outros.



fisioterapeuta. Sua socialização mais comum é com os outros pacientes que estão na fila do hospital.

Parece que as limitações funcionais e as doenças seriam os elementos mais acionados para identificar aquele sujeito que está na velhice (Caradec, 2011). Em vista disso é que há uma demanda social para que se “envelheça jovem” e se “lute contra o envelhecimento”. No caso específico dos homens mais velhos, agrega-se à questão da depauperação da saúde, a problemática da virilidade. Pensar a saúde masculina na velhice passa por pensar a ampliação da medicalização também no âmbito sexual. Um exemplo disso foi a ajuda na disfunção erétil representada pela entrada no mercado, em 1998, do medicamento Viagra, “as milagrosas pílulas azuis”. Para os homens mais velhos, segundo a literatura, a noção de envelhecimento bem-sucedido tem um importante aspecto na saúde sexual, isto é, “o verdadeiro envelhecimento bem-sucedido” consiste em não envelhecer. Ao menos sexualmente falando (Azize, 2011).

Roberto conta que do ponto de vista sexual, suas experiências estão no passado e que não tem mais uma vida sexual ativa. Hoje ele vive nos limites de sua casa, na convivência com sua família. Esta rotina que convive muito de perto com doenças e limitações contrasta bastante com o *tempo de antigamente*, segundo recorda, em que *farras e fervos* eram comuns entre ele, Gica, Teo, os marinheiros e soldados. Sua persona de *bicha conhecida, mas discreta* na cidade de Ladário parece ter se desvanecido. Ocorrerá uma volta compulsória ao “armário” e as doenças seriam a motivação imediata que levou ao abandono da vida de prazeres sexuais.

Uma rotina de lazer limitado, de doenças e nas fronteiras da casa também parece ser a realidade atual de Teo (76 anos). Ele diz que fica em casa *sossegada*, sendo cuidado por uma empregada doméstica que ali permanecia durante boa parte do dia. No final do trabalho de campo, um irmão de Teo, seu sobrinho e a família do sobrinho passaram a residir na casa e a cuidá-lo devido a complicações do diabetes. Esse retorno à convivência familiar coincide com a necessidade de uma vida mais resguardada e implicou em certo disciplinamento da sexualidade, justamente, porque há um controle familiar bastante próximo. Se a volta a residir com a família trouxe a serenidade em vista de uma série de cuidados, necessários a uma pessoa cuja saúde está frágil, também desnudou a rudeza do processo de recolher-se.

Teo reclama de ter ficado doente e não ter morrido, confessando *querer morrer logo*, pois não está satisfeito com a vida de infortúnios que leva. Ele percebe que o sofrimento causado pelas limitações que vêm antes da morte o mata aos poucos. Essas situações seriam



dramáticas pois, constantemente, lembram-no como ele foi feliz, ágil e ativo, inclusive nos trocas eróticas e sexuais. A situação atual, no entanto, priva-o de tudo isso que a sua *cabeça insiste em não esquecer*.

Uma vida que parece pesar, sem *diversão*, sem trânsitos, sem qualquer tipo de protagonismo parece também ser o caso de Barbosa (77 anos). Para Barbosa, entretanto, a situação é um pouco mais complicada porque ele apresenta alguns problemas neurológicos. A idade avançada, os problemas neurológicos e uma situação de miséria compõem o conjunto que edifica a rotina do interlocutor, também como as de Teo e Roberto, marcada pelas visitas diárias aos profissionais de saúde<sup>17</sup>. Esse, considero, é o tema central que marca o infortúnio destes interlocutores mais velhos: a falta de saúde que culmina com o afastamento de uma vida sexual mais ativa.

Isso se observa de maneira mais clara quando os interlocutores não estão acometidos por doenças mas já vivem uma idade mais avançada. Eles percebem que a vida sofreu alterações significativas, que houve uma mudança de ritmo, uma reestruturação da rotina diária, de alguns hábitos, mas não há o peso e o lamento próprios daqueles que estão enfermos. Mauro (67 anos), por exemplo, embora hipertenso, fala de sua rotina com certa tranquilidade e bom humor:

*Durmo e acordo cedo. Passo mais tempo em casa. Trabalho em um turno, geralmente de manhã. De tarde, tem uma moça que cuida da loja pra mim. Faço algum exercício, quando não tenho preguiça. É recomendação do médico, mas eu sou negligente. Tenho pressão alta, daí comecei a me cuidar mais e mudar alguns hábitos. Deixar de fumar a minha maconha e parar de beber foram os piores. Mas já parei com isso há dez anos. Encontro amigos algumas vezes e, lá muito raramente, encontro um garotinho bonito que esteja a fim de um velho para uma troca de carícias. Afinal, lembrar é viver, não é mesmo?(Mauro, 67 anos).*

O interlocutor admite passar a maior parte do tempo em casa, mas ainda circula pela cidade e se envolve com sua loja, o que pode garantir um trânsito para além de pensar no passar dos anos, nas doenças e possíveis perdas advindas nesse processo. A maior circulação e a maior pluralidade de contatos proporcionados pela vida exterior aos limites da casa, quem sabe, sejam estimulantes para uma vida um pouco mais saudável. Esta é uma das apostas da Gerontologia, por exemplo.

---

<sup>17</sup> Sobre o processo de demência entre pessoas mais velhas e o impacto que tal situação acarreta na família, ver Célia Pereira Caldas (2002).





As temáticas do erotismo na velhice e da erotização da velhice passam a ser inseridas nas problemáticas de uma Gerontologia Social de finais do século XX. Durante muito tempo se pensou neste momento do curso da vida como uma etapa em que a dimensão erótica e sexual teria sido superada. No entanto, como relatam alguns interlocutores e como a literatura tem mostrado (Iacub, 2011; Debert e Brigeiro, 2013) esse continua sendo um tema presente entre as pessoas mais velhas. Talvez haja uma mudança de ritmo, reinvenção e adaptação de práticas, mas não há uma superação definitiva do erotismo e da sexualidade com a velhice.

Entre meus interlocutores, Rubens (66 anos)<sup>18</sup> é um dos mais sintonizados com a ideia de envelhecimento bem-sucedido (Neri, Cachioni, 1999)<sup>19</sup>. Ele toma uma série de cuidados com o corpo e a saúde que envolvem a visita constante a diferentes médicos para controlar eventuais anormalidades clínicas, bem como não descuidar dos exercícios físicos (Azize, 2011). No entanto, conforme lembra o interlocutor, para ele, estes são apenas alguns *ingredientes* de um conjunto de ações que envolvem a proximidade com o trabalho e as responsabilidades de um homem de negócios, bem como um espaço considerável para o lazer. Rubens diz que o lazer é fundamental para sua *cabeça estar em ordem*. Segundo Debert (1999), mais do que o trabalho e o envolvimento com o trabalho, são o lazer e os tipos de lazer que os idosos desenvolvem ao longo da vida que aparece como forma de manter a continuidade e o senso de autonomia.

Por outro lado, ainda que não haja doenças ou infortúnios de maior monta, existem alterações provocadas no corpo pelo *passar dos anos*. Caradec (2011), oportunamente, chamou tais situações de “diminuição da energia” e da “vitalidade do corpo” e Paulo César Alves (2002) disse se tratarem de “mudanças fisiológicas provocadas pela força física cada vez menor”. Estas seriam algumas pistas dadas pelo corpo de que os sujeitos começam a *amadurecer*.

Não ter mais disposição para *estar nos pagodes* ou nas *farras tremendas de antigamente* são algumas das marcas da rotina atual de Luma (57 anos)<sup>20</sup>. Ela lembra que, *quando mais*

---

<sup>18</sup> Rubens tem 66 anos, é formado em administração de empresas, dedica-se aos negócios rurais, como fazendeiro. É viúvo, branco, alto, de cabelos brancos. Pertencente às camadas altas.

<sup>19</sup> Segundo Johannes Doll (2007), a expressão “envelhecimento bem-sucedido” foi usada pela primeira vez por Havighurst na revista *The Gerontologist*, em 1961. A expressão buscava pensar a velhice como um momento que estivesse para além, apenas, de doenças e perdas.

<sup>20</sup> Luma é branca, tem 57 anos e vive na periferia de Corumbá. É ligada ao carnaval. Pertence às camadas populares. Luma é alta, gorda, com cabelos curtos e tingidos de louro. Hoje se apresenta socialmente como homem, mas já se “montou” durante muito tempo. Luma é assessora de políticos locais. Quando jovem, Luma serviu à Marinha.



*jovem*, percorria os seis quilômetros que separam Corumbá de Ladário a pé, apenas para não perder uma *boa farra*. Estas mudanças propiciadas pela vida em um momento mais avançado de seu curso não causam tristeza à interlocutora, até porque ela entende que este é um processo por que todas as *pessoas que viverão mais terão* que passar. Tempo que vem depois do *tempo bom* não é, necessariamente, um “tempo ruim”, mas *um outro tempo*.

Tatá reserva os finais de semana para *tomar uma cerveja, porque ninguém é de ferro*, ele me conta. São estes os momentos de sua semana em que tem algum tipo de lazer, geralmente, acompanhado dos demais interlocutores que compõem a rede dos *homens de quase sessenta*. A cerveja no *boteco da esquina* é o momento apropriado para *curtir um pouco*. Algumas noites na semana, esporadicamente, há encontros em sua casa para jantares.

O boteco para Tatá e os seus amigos da rede dos *homens de quase sessenta* é o espaço em que eles ainda se sentem em condições de algum nível de *paquera* com outros homens, via de regra, *heteros*. O espaço do boteco ocuparia o lugar de alguns estabelecimentos próprios de um “mercado GLS”, ausente na região. No entanto, diferente dos lugares específicos, no boteco, por conta da diversidade de frequentadores, a discrição se torna um elemento fundamental para a efetivação dos *lances*. A *paquera* ocorre nas entrelinhas dos acontecimentos mais gerais do boteco.

Semelhante a Tatá, Tom (53 anos) diz que sua vida *é bem pacata* hoje. Ele nota uma diferença em relação ao trânsito pela noite nos finais de semana. *Antigamente*, na década de 1980, conta o interlocutor, ele tinha que *sair todo o final de semana*. E sair aos finais de semana envolvia permanecer na *rua toda a madrugada* e *voltar para casa com o sol alto* e, preferencialmente, *com algum bofe*. As saídas eram para a boate da cidade e os *pagodes*. Ele conta que frequentava muito os pagodes. Era o momento em *gostava de dar pinta* e mostrar que tinha *samba no pé*.

O trânsito pelas boates seria algo próprio aos jovens. Quando começam a perceber que *não são mais jovens* ou a se sentir *julgados como não jovens pelos demais*, preferem deixar de frequentar esses espaços. Victor (54 anos)<sup>21</sup> diz o seguinte:

*Isso é uma parte que eu trabalhei já a minha mente, que pra mim o meu tempo de balada de noitada, eu vivi. Hoje é pra quem? Pra quem está com*

---

<sup>21</sup> Victor tem 54 anos, é pardo, alto e gordo. Tem cabelos longos, tingidos de louro. Vive em uma *kit net* no centro de Ladário. Ele se considera carnavalesco e artista plástico. Grande parte de sua renda é oriunda de aluguel de imóveis, fruto de herança familiar. Ele a complementa com a venda de produtos infantis na feira de Ladário.



*uns 20, 21 até os 30, 31. Eu saía toda noite quando podia. Hoje em dia, não. Dez horas eu tenho o meu horário. Eu apago a luz aqui de casa, desligo meu celular, rezo e vou dormir (Victor, 54 anos).*

A opção de deixar de transitar com recorrência pela vida noturna, entre bares e boates nas *madrugadas*, parece funcionar para os interlocutores como o marcador temporal do desvanecer da juventude, ou, pelo menos, da entrada de vez na vida adulta, caracterizada pelas responsabilidades do mundo do trabalho e pelas obrigações cotidianas variadas que impediriam que o “tempo do lazer” fosse concorrente direto do “tempo do trabalho”.

A rotina de trabalho também marca o cotidiano de Soninha (54 anos). Os dias de Soninha<sup>22</sup> ainda são muito regrados, pois os empregos consomem boa parte de seu tempo, no entanto, no *final do expediente*, ela ainda parte para o *terceiro turno*, o qual não consegue negar. Ela assim conta:

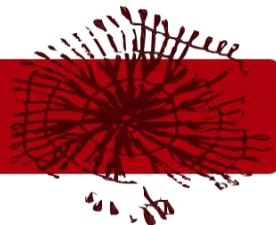
*Aí tem essa menina que eu to namorando. Ela é meu terceiro turno. Eu to dando umas paqueradinhas com ela, Luiza. Quando eu saio da lanchonete, ela vai lá pra minha casa. Aí sempre eu faço uma janta, sempre eu gosto de cozinhar (Soninha, 54 anos).*

Aos finais de semana, quando não têm compromissos laborais, a interlocutora se reúne com amigos para churrascos, assados por ela, e *cervejadas*. Este conagraçamento, segundo Soninha, é um dos elementos que permitem a ela *não se sentir velha, acabada e solitária*. Mais do que ter uma relação afetiva com outra mulher, ou mesmo uma proximidade mais orgânica com a família de origem, ela entende que os amigos são fundamentais para manter sua *mente boa* e nutrir o *sentimento gostoso de saber que há pessoas no mundo cuidando, de um jeito ou de outro, da gente*.

Se por um lado, algumas vezes, conforme lembram Minayo e Coimbra Jr. (2002), a velhice pode representar um “peso familiar”, em que, inclusive os sujeitos mais velhos passam a não ter um convívio mais efetivo com seus familiares, ou perdem importância nas tomadas de decisão, já que suas opiniões deixam de ser relevantes (Alves, 2007), é exatamente neste momento que surgem os amigos como uma dimensão fundamental na vida das pessoas mais velhas, funcionando como uma espécie de “família de escolha”.

---

<sup>22</sup> Soninha tem 54 anos, é baixa, acima do peso, com cabelos grisalhos. Segundo ela, se veste “como homem”, de calça jeans, camisa de gola polo, ou xadrez, botinas e, sempre que possível, um cinto com fivela. Vive do seu trabalho de cozinheira e pertence às camadas populares.



Alguns dos trabalhos sobre envelhecimento de homens com condutas homossexuais no Brasil destacam a relevância da amizade, em alguns casos, sobrepondo-se ao grupo familiar mais próximo nestes momentos do curso da vida. Isso é percebido, especialmente, nos trabalhos de Gustavo Duarte (2013) e Tiago Soliva (2012). Nessas duas pesquisas, a importância dos amigos, as famílias de escolha, é um dos pilares que mantém nos homens mais velhos o sentimento de algum pertencimento familiar.

Em diferentes momentos do trabalho de campo, apareceu a referência a essa possível mudança no ritmo das atividades dos interlocutores, bem como de uma reorientação no que diz respeito a expectativas de estabelecimento de vínculos mais efetivos com outros sujeitos. Em alguns casos, a alusão à passagem do tempo aparece de forma mais evidente. Contudo, parece igualmente presente uma crítica aos jovens homossexuais que viveriam em *farras* e *fervos* intermináveis, como aqueles de que meus interlocutores teriam participado no passado, sem preocupações com as obrigações próprias à vida adulta ou impostas a eles por doenças e infortúnios outros.

A impressão que alguns deles passam é a de que o tempo transcorrido teria se encarregado de mostrá-los que haveria outros valores e vínculos a serem estabelecidos, para além das *farras*. O mundo do trabalho e das responsabilidades de uma vida adulta mais efetiva talvez seja alguns deles. Por outro lado, esta crítica velada e indireta pode ser um sintoma de, quem sabe, um desconforto com o fato de os jovens viverem um tempo semelhante àquele em que meus interlocutores eram protagonistas dos eventos eróticos e sexuais que ainda povoam suas lembranças.

Simões (2004) e Henning (2014) mostram como a ideia de comunidade é uma dimensão muito cara aos homens homossexuais mais velhos e como esta comunidade é acionada como uma rede de confiança antes mesmo de pensar na família como uma dimensão relevante durante o processo de envelhecimento e a velhice.<sup>23</sup>

Se entre meados da década de 1950 até os anos de 1980, nos Estados Unidos, no Brasil, ou na Argentina, como lembra Meccia (2011), a comunidade era necessária como um espaço seguro para festas, encontros, diversão, até mesmo para dividir as angústias, isto é, um ambiente propício para viver como uma pessoa com conduta homossexual naqueles limites,

---

<sup>23</sup> A ideia de comunidade não é uma particularidade das pessoas mais velhas com condutas homossexuais. Desde as primeiras investigações nos Estados Unidos, ou mesmo no Brasil, tal noção foi fundamental para a formação dos primeiros grupos e dos primeiros ensaios de visibilidade. A comunidade é importante entre a comunidade LGBT e esta importância tem dimensões diferentes ao longo do curso da vida dos sujeitos, segundo os contextos específicos nos quais eles estão inseridos e com os quais dialogam.



parece agora que tais sujeitos estão dizendo que esta comunidade precisa ser ressignificada e transformada numa grande “família de escolha”, uma família de iguais, em que a ajuda mútua em tempos de maiores dificuldades e necessidades seja necessária.

Agora, pode ser que os problemas e os cuidados sejam outros, justamente com a saúde, com os infortúnios do corpo físico que apresenta de forma clara os seus limites e exige cuidados. Estes cuidados, antes de serem pensados como próprios de uma família de origem, podem estar sendo estabelecidos como uma responsabilidade compartilhada entre os pares das “famílias de escolha”.

A vida atual aparece para alguns interlocutores como um peso diante dos tempos passados, tempos percebidos por eles como de protagonismos, felicidade, com uma vida sexual ativa e gratificante. Pensar o futuro para eles, sobretudo os mais velhos, é perceber apenas um horizonte de infortúnios, em grande medida, motivados por doenças e limitações que impediriam a realização efetiva da sexualidade. Os infortúnios também dão pistas da necessidade de, outra vez, tornar as práticas homossexuais “reservadas”.

Lidar com perdas e limitações, apesar de *uma cabeça que ainda se sente jovem* e recorda *os melhores anos*, é algo meio *torturante*. Teo olha para o horizonte futuro e não consegue perceber alguma possibilidade de uma vida feliz porque introjetou uma ideia – talvez motivada por sua saúde frágil – de que a velhice é o lugar do fim, dos problemas e dos sofrimentos. Ele assim explica:

*Eu de futuro só espero a morte. Sério. Porque aos 76 anos não espero por algo. O que você quer? Outro dia quase fui. Todos do meu tempo estão indo. E outros e outros. Ah, tô no fim do tempo. É a verdade, gente, a velhice é o fim da vida. É uma fase de tristeza e sofrimento. Aí tudo é difícil* (Teo, 76 anos).

Sua rede mais próxima de relações está falecendo. De seus amigos do *tempo de antigamente*, restam Roberto e Barbosa, porque Simone falecera durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Por outro lado, é interessante que o interlocutor ainda vê a velhice como um momento posterior ao que está vivendo, pois, em outro ponto de nossas conversas, revelou que gostaria de ir para um asilo na velhice. Inclusive, disse não ter preconceito com asilo. Segundo ele: *eu gostaria. Porque lá você paga. Fica descansado. Essa casa é grande só pra mim*. Nos momentos finais do trabalho de campo, a família de Teo passou a residir com ele, fundamentalmente, porque sua saúde estava cada vez mais frágil e ele demandava cuidados.



Como me confidenciou algumas vezes, voltar a viver com os parentes foi uma *faca de gumes*: por um lado, ele gostava de se sentir *amparado* e convivendo com seus familiares nesse momento mais avançado da vida. *Envelhecer sozinho numa casa grande não é uma maravilha*, disse-me algumas vezes. Por outro lado, ele conclui que a coabitação com a família cerceou um pouco as suas *liberdades*. Ele conta que não pode mais fazer as *putarias* de que gostava, ou as *peripécias* com as amigas *bichas* que passavam e ficavam de *converseiro* com ele na frente da casa.

No que diz respeito a planos futuros, a interlocutora Soninha (54 anos) admite nunca ter dado importância para eles. No entanto, afirma que começou a pensar um pouco no assunto a partir dos últimos anos, especialmente, depois da sua separação mais recente. Embora não se *sinta só*, ou mesmo *na solidão*, diz *ter vontade de voltar pra casa e ter alguém me esperando*. O futuro, na perspectiva de Soninha, envolve um relacionamento com outra mulher. Ela empreende uma diferenciação interessante. Ela afirma não ter medo de *ficar sozinha*, mas de *viver sozinha*. *Ficar sozinha*, segundo ela, é inclusive *necessário*, em alguns momentos, *para se encontrar ou se desestressar*. *Viver sozinha*, no entanto, significa, para a interlocutora, *não ter uma namorada, uma companheira*.

Paralela ao projeto de *viver um amor*, está a busca por *ter saúde*, pois, em sua opinião, todos os demais planos só têm condições de ser concretizados a partir de uma vida com saúde. A saúde seria o elemento responsável por *lhe garantir independência*, algo fundamental para *tocar qualquer projeto*, segundo ela. Saúde e independência seriam as garantias, para Soninha, *de uma vida digna*, em que o sujeito teria *respeito*, já que a interlocutora percebe que a doença torna a pessoa vulnerável de inúmeras formas, inclusive, transformando-se em alguém passível de não ser respeitada por quem quer que seja.

Portanto, na esteira de uma Gerontologia Social contemporânea, Soninha e sua busca pela saúde são indícios de que ela pretende tornar possíveis “outras maneiras de viver” (Bassit, 2002) nos momentos mais avançados do curso da vida. A busca por uma rotina saudável seria uma espécie de garantia de uma velhice com independência e um contraponto a uma percepção do envelhecimento e da velhice apenas como momentos de perda, o que representaria, segundo Bassit, uma “colonização do curso da vida”. A interlocutora demonstra ainda que a morte não é o problema central porque ela seria inevitável e um desfecho ao qual todos estaríamos destinados.



O interlocutor Mauro (67 anos) apresenta outra dimensão trazida pelo envelhecimento. Ele conta que é inevitável viver o hoje a partir das lembranças do passado. O interlocutor conclui que o processo de envelhecimento serviria como um *enclausurador* das pessoas mais velhas. *A gente vai se escondendo quando envelhece. Isso é bem triste*, diz ele. Ele faz referência a uma espécie de *redoma* imaginária que vai limitando as ações das pessoas mais velhas.

Tais limitações, em alguma medida, conforme mostram os relatos, dizem respeito aos desejos, aos afetos e à visibilidade das condutas homossexuais. Diante de alguns contextos de envelhecimento, especialmente aqueles acometidos por enfermidades, ou nos quais os interlocutores apresentam graus variados de dependência da família de origem, ou de cuidados especializados, há um quase completo abandono de uma vida mais “visível” enquanto pessoa com conduta homossexual e contornos semelhantes ao de uma volta ao “armário”.

Mauro percebe o envelhecimento e a velhice como momentos de maior angústia e solidão, ou como prefere Ferreira (2000), “uma etapa da vida pautada por ausências”. Há uma expressão usada por Cornélia Eckert (2000) para identificar algumas sensações próprias das pessoas mais velhas a partir da reordenação da história vivida nos momentos mais avançados do curso da vida. A autora mostra como, para alguns sujeitos, viver o processo de envelhecimento e se perceber na velhice carrega o “gosto amargo do vazio”.

Entre alguns dos *homens de quase sessenta*, o *futuro parece algo muito distante* e não exige, ainda, maiores reflexões ou cuidados. Fazendo eco a outros de seus amigos, Deco (54 anos) diz que sua aposta na vida é pensar e viver o hoje. *O futuro não existe, menino. Amanhã, quando chegar, já vai ser hoje*. Quando ele pensa na velhice, se pensa com mais de setenta anos e espera estar como está hoje: *saudável e com cabeça boa*. Além disso, deseja ter o seu *dinheiro no bolso*, porque *saúde, consciência e dinheiro no bolso* seriam os ingredientes fundamentais, em sua visão, para uma *velhice digna*. Quando lhe pergunto: assim seria perfeito? Ele me responde: *e rindo. E podendo pagar os gurizinhos*.

A gama variada de interlocutores permite diferentes olhares para o passar do tempo e para a compreensão do processo de envelhecimento e velhice, bem como para as diversas formas de manejar tais questões. As idades, embora não sejam determinantes de trajetórias, experiências e possibilidades, quando em articulação com o fator doença, tornam-se representativas de algumas expectativas ou da falta de expectativas. As categorias



envelhecimento, velhice e morte parecem ganhar outros contornos quando doenças e enfermidades se associam às idades cronológicas.

Se em alguns casos, a morte aparece como um medo, pânico ou pavor, na maior parte das vezes os interlocutores se referem a ela como uma *determinação da vida*, como o *desdobramento final* da existência. Com a morte, pensam alguns deles, a batalha é perdida, pois, no máximo, haveria a possibilidade de retardá-la, jamais de vencê-la. Sendo assim, o que haveria de preocupante seria a falta de qualidade de vida nas etapas mais avançadas do curso da vida e na velhice, propriamente dita. Perceber-se envelhecendo doente, perdendo autonomia, independência, dignidade, restringindo-se nos limites da casa e sentindo solidão parecem ter efeitos mais devastadores no dia-a-dia dos interlocutores do que a morte em si.

### *Considerações Finais*

Em alguns momentos do artigo parece que o envelhecimento e velhice são caracterizados como cenários aterradores. Esses cenários, por óbvio, não devem ser pensados de maneira generalizada, porque mesmo entre meus interlocutores há o apontamento de possibilidades de reinvenções das experiências de envelhecimento e velhice, inclusive do ponto de vista da sexualidade e do erotismo. Sobretudo entre os que *não se sentem velhos*, há uma série de estratégias para permanecer *na ativa da paquera*, ainda que *trabalhando* em um *ritmo mais lento*.

Ao longo do artigo, tentei mostrar que o processo de envelhecimento e a velhice também produzem uma tensão entre as dimensões de público e privado. Nos contextos de minha pesquisa, as vivências da sexualidade são relacionadas com experiências públicas. Isso ficou claro na rejeição de muitos a estar em casa, vendo televisão, que é o contrário de circular e estar na rua.

As tentativas de permanecer jovem, administrando a vivência de uma sexualidade com uma intensidade mais moderada, com mais cuidados, está ligada a uma ideia de trânsito e circulação pelo espaço público. Esta noção de público busca se contrapor ao privado, que é representado pelo “estar em casa” em frente à televisão, que seria próprio do “ser velho”. Por que chamo a atenção para esta questão? Porque, costumeiramente, a sexualidade é alocada (com exceção do campo da prostituição) na dimensão privada. O meu campo mostra o contrário disso. A sexualidade está no público.





Também foi possível perceber acima, a operação de diferentes estratégias de gestão da visibilidade que acabam por mostrar mudanças na compreensão da “homossexualidade como lugar social”. Naquele momento, esta percepção se deu de maneira mais flagrante a partir das formas como são agenciados os processos de envelhecimento e velhice, bem como as concepções apresentadas pelos interlocutores sobre estes momentos da vida.

Outra vez, a intenção foi perceber as noções de envelhecimento e velhice a partir de situações marcantes da vida. Assim, esse momentos apareceram menos associados à idade cronológica e mais à necessidade de manutenção da autonomia e do controle das competências básicas, o que promoveria o prolongamento da saúde, que, na visão de meus interlocutores, seria mais relevante que a busca pela “eterna juventude”, já que ela propiciaria condições de manter, igualmente, uma vida erótica e sexual ativa.

A seu tempo, e como característica marcante, há o aparecimento de maior ênfase sobre categorias como saúde, doença, cansaço, em detrimento de outras como sexo, prazer e vida sexual. A explicação residiria no horizonte de doenças que parece afetar aqueles interlocutores mais velhos, assim como nas preocupações que esses potenciais cenários gerariam nos mais jovens. Dessa maneira, e talvez como uma particularidade do processo de envelhecimento de pessoas com condutas homossexuais, o envelhecimento e a velhice, quando sintonizados com doenças e perda de autonomia, podem gerar uma preocupação que não existe entre pessoas heterossexuais.

E, por derradeiro, a explico: além de um sensível afastamento de uma vida sexual mais ativa, de uma possível volta a coabitar com a família de origem, ou mesmo em uma instituição de longa permanência – o que aproximaria pessoas com condutas homo e heterossexuais – parece que às pessoas com condutas homossexuais ainda incidiria, em razão dos elementos elencados justo agora, uma potencial volta ao *armário*, e conseqüente apagamento compulsório da “homossexualidade”. Tal temor, algumas vezes, parece ser mais marcante e angustiante do que a própria morte, encarada pela maioria de meus interlocutores como um desdobramento inevitável da vida.

### *Referências Bibliográficas*

ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. O uso da televiso como fonte de informação sobre a velhice: fatos e implicações. In. NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas-SP: Papyrus, 1999. p.179-222.



ALVES, Andréa Moraes. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In. LINS DE BARROS, Myriam(org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006. p.67-90.

ALVES, Andréa Moraes. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In. NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, Edições SESC, 2007. p.125-140

AZIZE, Rogério Lopes. A “evolução da saúde masculina”: virilidade e fragilidade no marketing da disfunção erétil da andropausa. In. GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 181-198

BASSIT, Ana Zahira. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2002. p. 175-190.

BRADFORD, Judith; RYAN, Caitlin. Who we are: health concerns of midlife-aged lesbians. In. SANG, Barbara; WARSHOW, Joyce; SMITH, Adrienne (orgs.). *Lesbians at midlife: the creative transition*. San Francisco, CA, Estados Unidos: Spinsters Book, 1991. p. 147-163

CALDAS, Célia Pereira. O idoso em processo de demência: o impacto na família. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2002. p. 51-72

CAMARANO, Ana Amélia. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In. NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, Edições SESC, 2007. p.191-208.

CARADDEC, Vincent. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. In. GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 21-44

CORRÊA, Lúcia Salsa; CORRÊA, Valmir Batista. *A história do Pantanal contada pelo MUHPAN*. São Paulo: Via Imprensa Edição de Artes, 2013.

DA HORA, Thiago Cesário. *A gestão do envelhecimento em ILPI's: uma possibilidade antropológica*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS. IFCH, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2014.

DEBERT, Guita Grin. A construção e reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In. NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas-SP: Papirus, 1999. p.41-68.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In. LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p.49-68.



DEBERT, Guita. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes antropológicos*. Vol.16, n.34, 2010. p. 49-70 .

DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. A velhice, o sexo e o erotismo politicamente correto. In. PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). *(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual*. Cursos da vida e gerações. 1ed.Campo Grande: Editora UFMS, 2013. p. 29-48.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In. NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, Edições SESC, 2007. p.125-140.

DUARTE, Gustavo de Oliveira. *O “Bloco das Irenes”*. Articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento. Tese (Doutorado em Educação). PPGE, UFRGS. Porto Alegre, 2013.

ECKERT, Cornelia. A vida em outro ritmo. In. LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 169-206.

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, G.G. (org). *Antropologia e Velhice*. Campinas-SP: IFCH/ UNICAMP, 1998.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In. LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 207-222.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo*. Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

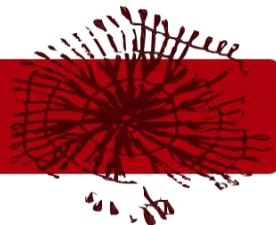
HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: Envelhecimento, Meia Idade, Velhice e Homoerotismo Masculino na Cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2014.

HUNTER, Ski. *Midlife and Older LGBT Adults. Knowledge and Affirmative Practice for the Social Services*. New York: The Haworth Press, 2005.

IACUB, Ricardo. *Erótica y vejez: perspectivas de Occidente*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

LINS DE BARROS, Myriam. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In. GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45-64.

MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*. Sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.



MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2002.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2002. p.37-50

NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. Velhice bem-sucedida e educação. In. NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas-SP: Papirus, 1999. P.113-140.

PAIVA, Crístian. Coroas e filhões: gênero, erotismo e geração em relações homossexuais masculinas. GT32 - Sexualidade e gênero: sociabilidade, erotismo e política. *35º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu-MG, 2011.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...In. LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 69-84.

PEIXOTO, Clarice. Sobre a institucionalização da velhice e as condições de asilamento. In. GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 341-356

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In. LINS DE BARROS, Myriam(org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006. p.91-106

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. *Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2015.

SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In. PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SOLIVA, Thiago Barcelos. *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). PPGSA, UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.